

## PINHARANDA GOMES, UM INVESTIGADOR BEIRÃO, UM PENSADOR PORTUGUÊS

JOSÉ EDUARDO FRANCO<sup>1</sup>  
JOSÉ MARIA SILVA ROSA<sup>2</sup>

Todo o intelectual assume uma responsabilidade muito especial. Ele tem o privilégio e a oportunidade de estudar. Em contrapartida, tem o dever de transmitir aos seus concidadãos os resultados dos seus estudos da forma mais simples, mais clara e mais sóbria possível.

Karl Popper

Nós somos o nosso nome. O nome é já o destino. Não o escolhemos e, todavia, é ele que nos identifica, pouco a pouco somos nós que nos identificamos com esse nome de acaso concertado. A relação com o nosso nome converte-se na relação connosco mesmos.

Eduardo Lourenço

As regiões da Beira Interior são férteis em escritores e pensadores que têm dado um timbre distintivo à língua mátria e ao pensamento português. Jesué Pinharanda Gomes, originário de Quadrazais, no concelho do Sabugal<sup>3</sup>, é um desses intelectuais fecundos e profundos, tendo ganhado uma relevância e um reconhecimento progressivos no meio universitário português, que seriam improváveis há ainda não muitos anos.

No coração do século xx, a ligação entre o pensamento filosófico *em Portugal*, e identitariamente adjetivado como *português*, e a reflexão filosófica que, por distanciamento

---

1 eduardofranco.cidh@gmail.com

2 jrosa@ubi.pt

3 Cf. Pinharanda Gomes, “Pequena autobiografia. Jesué Pinharanda Gomes: *curriculum vitae*”, in Franco, José Eduardo e Rosa, José Maria Silva (coord.), *Jesué Pinharanda Gomes. Pensar Português. Texto Inédito e Estudos*, Lisboa, Theya Editores, 2019, pp. 21-26.

crítico, se pretendia cosmopolita e distanciada, ainda que, por vezes, fosse apenas *provincianamente estrangeirada*, extremou campos que se digladiaram de um modo que parecia irreconciliável. A chamada corrente ou grupo da Filosofia Portuguesa (em que, na esteira de Leonardo Coimbra, se destacaram Álvaro Ribeiro, José Marinho, António Quadros, Cunha Leão, Afonso Botelho, Orlando Vitorino, António Telmo, Dalila Pereira da Costa, António Brás Teixeira, etc.), em que o *benjamim* Jesué Pinharanda Gomes se tornou uma espécie de referência geracional, afirmou-se quase sempre nas margens da universidade e, por vezes, mesmo *contra* a universidade. Tal corrente cultivava a ideia de um Portugal autossuficiente e autorreferente em termos de produção filosófica, com originalidade própria, lusíada e atlântica, pautada pela diferenciação como marca distintiva da moderna filosofia europeia, senão mesmo resistindo ativamente à sua influência oitocentista e novecentista.

Nesta linha, é diferenciado, distinguido e singularizado um conjunto de valores fundamentais, de conceitos e de chaves de leitura do mundo e do Homem, sendo dado como peculiar do povo português, da sua cultura e da sua história. Com base nele, e com ele, ter-se-ia desenvolvido um pensamento próprio, um modo único de pensar e realizar, professando-se uma ontologia essencialista de carácter nacional.

A Filosofia Portuguesa articula-se com correntes de valorização da cultura castiça, de promoção dos discursos de identidade nacional que salientam as peculiaridades e a intraduzibilidade de ideias, conceitos, sentimentos e palavras que dizem o modo de ser, pensar e estar português no espaço e no tempo, na relação com os outros povos e com as outras culturas. Termos como “saudade”, “nau”, “viagem” e “mar” são apropriados e distinguidos como comportando dimensões significadas absolutamente singulares na ótica lusitana. Associa-se a esta procura de uma distinção no exercício do ofício do pensamento a afirmação da dissemelhança radical em relação a outros sistemas filosóficos, e até a sua superioridade, nomeadamente no que se refere à internacionalmente mais valorizada filosofia alemã.

Por seu lado, alguns dos cultores desta filosofia nacional consideram que o pensamento filosófico português está patente tanto em obras filosóficas, em sentido estrito, como também, e sobremaneira, na melhor literatura e poesia portuguesas, que traduziriam tal mundividência de uma forma mais adequada (*v.g.*, o *Leal Conselheiro*, de D. Duarte) do que um volumoso tratado de filosofia pura em forma de sistema. Esta filosofia tipicamente portuguesa brotaria da experiência nacional traduzida no discurso cultural sobre o povo português, a sua história e a sua relação real e imaginal com as sete partidas do mundo. E teria permanecido indemne e imune a qualquer corrente de pensamento estrangeira. Defende-se, por isso, a absoluta originalidade do pensar português, que traduz o que é

próprio do sentir português. Alguns pensadores inscritos nesta corrente tendem a destacar também o carácter precursor do pensamento português em relação a marcas distintivas do pensamento filosófico de outros países que terão grande fortuna posteriormente. Paulo Borges, no artigo de síntese sobre a problemática da Filosofia Portuguesa publicado na enciclopédia *Logos*, chega a caracterizá-la como uma antifilosofia, na medida em que se opõe aos cânones clássicos dos discursos considerados filosóficos, e observa que, no contexto em que esta corrente emerge em Portugal, o seu modo de entender a filosofia afronta as correntes internacionais dominantes, como o positivismo e o cientismo, herdeiros exacerbados do racionalismo iluminista. Em grande medida, a Filosofia Portuguesa torna-se crítica do *estrangeiramento* do pensamento português e do domínio exclusivo do ensino universitário pela filosofia e pela ciência vindas de além-Pirenéus. Em particular, os cultores da Filosofia Portuguesa reagem fortemente à hegemonia de uma certa filosofia alemã idealista, depois materialista, positivista, psicologista e niilista, que, pretensamente, teria desnaturalizado o pensamento de muitas outras nações, designadamente europeias. Chega-se mesmo a acusar a Alemanha de ser a mais antifilosófica de todas as pátrias ou de ser a pátria de uma filosofia corrompida e corruptora do melhor humanismo, que teria estado na origem, nomeadamente, de hecatombes humanas globais, como a II Guerra Mundial e a ideologia nazi, que levou a cabo um dos mais devastadores genocídios do século passado.

Este é um debate que continua vivo (até porque pensadores alemães do séc. XX marcantes e ambíguos, como Heidegger, dão azo a duplas leituras), na sua complexa oposição entre o entendimento académico e canónico da ideia de filosofia (sufragado pela investigação e pelo ensino universitários formalmente estabelecidos e validados pelos pares académicos internacionais) e uma ideia menos convencional de filosofia, que caldeia a poesia, o sentimento, a razão e a imaginação, inscritos num horizonte de compreensão do mundo<sup>4</sup>. Esta determinação hermenêutica acabou por ser uma forma de resistência acelerada – que é subsidiária da defesa de uma identidade cultural e pensante circunscrita nacionalmente em tempo de globalização –, que veio pôr a nu as porosidades invencíveis das fronteiras nacionais, as quais, em abono da verdade, nunca foram totalmente impermeáveis na sua longa duração. A afirmação ideográfica da Filosofia Portuguesa associa, de algum modo, a crítica e até a negação de ideários que lhe são opostos, fornecendo conteúdos argumentativos para engrossar outras correntes anti como o antipositivismo, o anti-iluminismo, o antimaterialismo, o antissociologismo, o antipsicologismo, a antiglobalização, o anticientismo, o antiuniversitarismo, entre outros.

---

4 “Saber tudo ainda não é filosofia” ou “saber tudo já não é filosofia”, refere Pinharanda Gomes, rememorando o magistério oral de Álvaro Ribeiro. Cf. Pinharanda Gomes, *Entre Filosofia e Teologia*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1992, p. 10.

A Filosofia Portuguesa, de que Pinharanda Gomes se tornou um herdeiro qualificado, desde que, no princípio dos anos 60, na Brasileira, ao Chiado, começou a frequentar as tertúlias das quintas-feiras do chamado grupo da Filosofia Portuguesa, ressuma de um debate que encrespou os cultores dos diferentes campos epistémicos em oposição e polémica. Estabeleceu-se a visão estereotipada, por vezes caricaturada pelo preconceito verrinoso, de que o grupo da Filosofia Portuguesa era de índole tradicionalista, monárquico, antiuniversitário, antimoderno, anti-iluminista, antieuropeu, cultivando uma filosofia hermética e atávica, visceralmente ligada aos mitos fundadores da pátria e à *gesta* heroica da portugalidade. Todavia, defendem-se os seus cultores, o que a Filosofia Portuguesa, ou simplesmente *Filosofia em Portugal*, não podia aceitar era o desprezo da Razão transcendental iluminista e dos seus sucedâneos novecentistas – o positivismo e o cientismo – em relação ao pensamento geograficamente situado, à herança linguística, histórica e cultural portuguesa que, por essa via, era atirada para o alegado caixote do lixo das velharias da lusa e sebastianista saudade e, por esse gesto, *superada*.

Os “mestres” da Filosofia Portuguesa que, por volta de 1960, “adotaram” o jovem Jesué, chegado das Beiras, nas ditas tertúlias, em conjunto com outros jovens adeptos que se lhes iam juntando, formavam um grupo de resistência cultural que não aceitava a perda de relevo e a subalternização do pensamento concebido em Portugal e em língua portuguesa<sup>5</sup>. Defendiam uma chave de leitura nacional (ou até nacionalista, para alguns) e uma mundividência gizada com base em valores e princípios modelados no quadro da cultura e da mentalidade próprias dos roteiros de *universalidade concreta* que os portugueses e a sua língua haviam semeado pelas múltiplas partidas do mundo, do Atlântico ao Pacífico, passando pelo Índico. Definindo tal ideário, escreveu um dos principais mentores desta corrente, Álvaro Ribeiro: “Se cada povo, ou cada pátria é uma entidade espiritual, como a singularidade da língua demonstra, então corresponde-lhe, necessariamente, uma filosofia própria”<sup>6</sup>.

Tendo Portugal sido *rosto da Europa* e líder mundial, ao realizar a epopeia dos Descobrimientos e outros feitos associados, entendiam eles que tal país — ou melhor, esta grande nação — tinha um desígnio que passava também por uma *epopeia de pensamento*, de criação filosófica, espiritual, poética e literária. A recuperação dessa epopeia esquecida e o investimento na sua continuidade resplendente, tendo por horizonte uma realização teleológica (“um império espiritual”), foram, de algum modo, o caderno de encargos deste grupo de pensadores que combatiam o estrangeiramento da cultura portuguesa, nomeadamente o seu afrancesamento cultural, a sua germanização filosófica e a sua crescente britanização

5 Sobre a ideia de “Mestre”, no caso atribuída a Álvaro Ribeiro, cf. o curto e densíssimo “Anagnose do Mestre”, in Gomes, Pinharanda, *Entre Filosofia e Teologia*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1992, pp. 9-11.

6 Álvaro Ribeiro, *O Problema da Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1943, p. 80.

linguística. Não sendo propriamente antieuropeus *ab origine*, reivindicavam um lugar e uma distinção singulares de Portugal na Europa, na qual consideravam que tinham lugar por direito próprio e não por condescendente esmola de “culturas superiores” ou “mais avançadas”. De facto, sendo Portugal a nação com fronteiras estáveis mais antiga no velho continente, não tinha de pedir meças fosse a quem fosse, pois tinha uma contribuição cultural própria e inconfundível a dar para o concerto linguístico, filosófico e cultural das outras identidades nacionais europeias.

Os “mestres” da Filosofia Portuguesa desconfiavam da universidade e dos seus “professores”, da qual e dos quais eram ferozmente críticos, razão que explica parcialmente as respostas na mesma moeda e o menosprezo ou “quase interdição” do seu estudo em algumas escolas. A Filosofia Portuguesa ripostava com “escolas de pensamento” cultivadas e mantidas longe da universidade, em regimes de tertúlia quase doméstica, quase iniciática, ou de encontros de café, etc., com estratégias de publicação e meios editoriais próprios, por vezes com edições de autor – textos que eram destinados a um público não muito vasto, mas fiel.

Nesse quadro, Jesué Pinharanda Gomes será talvez o representante mais *fronteiro*<sup>7</sup> (não forçosamente por vir da raia sabugalense, em Quadrazais) e, podemos mesmo dizer, um dos mais *livres* desta corrente de pensamento, mercê das muitas fontes em que bebe, especialmente a religião católica, apostólica, romana, em registo não gnóstico<sup>8</sup>, ao invés de muitos autores da dita Renascença Portuguesa, que liam a nossa história à luz do mito gnóstico da “Pátria despedaçada” queurgia reintegrar. Intelectual laborioso e de duartino “sootil entender”<sup>9</sup>, amante do saber, investigador nato, leitor compulsivo, pensador arguto e pletórico, fez um longo caminho como autodidata na Biblioteca Nacional (na altura, no Chiado) e, ao mesmo tempo, como trabalhador com profissão de chefe comercial numa empresa de tratores, sem nunca ter posto os pés na universidade (pela qual tinha, aliás, muito interesse e não repúdio, ao contrário de outros). Pinharanda Gomes acabou por conquistar a universidade, embora sem ser universitário e sendo, indiscutivelmente, identificado com o grupo da Filosofia Portuguesa, obtendo o seu mais alto reconhecimento através do Doutoramento *Honoris Causa* que lhe foi merecidamente atribuído pela Universidade da Beira Interior, em março de 2018, um ano antes de falecer. De algum modo, o Pinharanda Gomes raiano é um marco numa rota de “múltiplos contrabandos”, um ponto de chegada de um caminho de conhecimento, de reconhecimento e de partilha

7 António dos Santos Pereira, “Pinharanda Gomes, fronteiro entre o futurismo de Orpheu e o mais fundo pensamento filosófico português”, in Franco, José Eduardo e Rosa, José Maria Silva (coord.), *Jesué Pinharanda Gomes. Pensar Português. Texto Inédito e Estudos*, Lisboa, Theya Editores, 2019, pp. 63-81.

8 Leia-se, a este propósito, a obra de Pinharanda Gomes *A Alma Cristã da Europa* (Lisboa, Fundação Lusíada, 2011).

9 Cf. Pinharanda Gomes, “Do ‘sootil entender’”, in Gomes, Pinharanda, *Entre Filosofia e Teologia*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1992, pp. 45-61.

de saberes, em quem uma nova geração de discípulos, amigos ou simplesmente leitores à margem das “escolas” foi capaz de encontrar um lugar de reconciliação possibilitado no plano do *amor à sabedoria e do cultivo do saber amigo*, como muito bem sintetiza Manuel Clemente<sup>10</sup>.

Mas o autodidatismo metódico e perseverante não o tornou apenas leitor assíduo e persistente na Biblioteca Nacional, em regime pós-laboral e ao fim de semana. Se alguns membros do grupo da Filosofia Portuguesa privilegiavam o magistério oral, outros, entre os quais Pinharanda Gomes, além da palavra viva, cultivavam a leitura com o lápis na mão. Isto é, liam para escrever. Dessa aturada ascese, ao longo de muitos anos, nasceram inúmeras comunicações, centenas de artigos de revista e de imprensa, e muitos livros. De acordo com o arranjo tripartido que ele próprio fez, numa breve autobiografia escrita em finais de 2017, os seus livros distribuem-se pela Filosofia e pela História da Filosofia (em que anota 22 obras; mas esta listagem não é exaustiva porque nela não consta, por exemplo, *A Filosofia Hebraico-Portuguesa* [Lisboa, Guimarães Editores, 1999]), pela Religião e História Eclesial (em que regista 19 livros) e, por fim, pela História Social e Local, e pela Literatura, com referência a 6 obras<sup>11</sup>.

Pinharanda Gomes realizou o feito notável, quase impensável no contexto das polémicas fraturantes que cortaram cerce o diálogo entre dois territórios de demanda de saber e de sentido, de se impor como referência no seu grupo filosófico e, ao mesmo tempo, partilhar saber e dados de pesquisa com investigadores e professores com carreira universitária firmada em diferentes áreas científicas e culturais. Basta ler aquelas obras e compulsar as suas referências bibliográficas para rapidamente se concluir que Pinharanda Gomes não era um pensador de campanário ou de sacristia, mesmo quando, monograficamente, foram a mariologia, os Carmelitas (a cuja Ordem Terceira pertencia) ou a diocese da Guarda alguns dos seus objetos de estudo de eleição.

Outrossim, não se coibiu de partilhar conhecimento e de participar em projetos académicos de referência, manifestando uma disponibilidade generosa e muito rara para acolher colegas do meio universitário e oferecer-lhes pistas e dados concretos para a sua investigação, *v.g.*, partilhando fichas de leitura. Ajudou a muitos no percurso da sua investigação sem exigir que pensassem como ele, ou o citassem sequer, antes testemunhando sempre um ideal de generosidade assente no *amor pelo saber (philosophia)*, que deve ser traduzido na partilha magnânima do conhecimento adquirido e pensado, isto é, numa *sabedoria*

---

10 Cf. Manuel Clemente, “*Laudatio*. Doutoramento *Honoris Causa* de Jesué Pinharanda Gomes na Universidade da Beira Interior”, in Franco, José Eduardo e Rosa, José Maria Silva (coord.), *Jesué Pinharanda Gomes. Pensar Português. Texto Inédito e Estudos*, Lisboa, Theya Editores, 2019, pp. 27-33.

11 Cf. Pinharanda Gomes, “Pequena autobiografia. Jesué Pinharanda Gomes: *curriculum vitae*”, in Franco, José Eduardo e Rosa, José Maria Silva (coord.), *Jesué Pinharanda Gomes. Pensar Português. Texto Inédito e Estudos*, Lisboa, Theya Editores, 2019, pp. 21-26.

*do amor*. Assim, com o testemunho de varão sábio e homem bom, granjeou reconhecimento e gratidão, mormente entre a nova geração de universitários de diversas áreas da Academia, a qual, corporativamente, tantas vezes esteve e se mantém de costas voltadas para quem não segue estritamente os protocolos da sua ortodoxia, das suas cartilhas e dos seus rituais vassálicos.

Mas a universidade e os universitários acabaram por reconhecer cidadania académica a um pensador rigoroso, mas livre das suas praxes no que se referia ao modo de construir conhecimento e saber. E nisto fazia apenas jus ao primigénio ideal de universidade que, como diria Alberto Magno, OP, é uma Casa onde tudo pode ser livremente pensado sem peias nem interdições de qualquer género. E no momento de celebração e reencontro com e em Pinharanda Gomes, os principais cultores da filosofia portuguesa e pensadores da portugalidade deixaram para trás velhos receios e aceitaram a sua incorporação na universidade para também aí cultivarem livremente a sua produção de pensamento, abrindo as portas a um diálogo e a uma discussão serena e interfecundante.

No seguimento do justo Doutoramento *Honoris Causa*, um colóquio coorganizado pela Faculdade de Artes e Letras (proponente da atribuição do grau) da Universidade da Beira Interior (FAL-UBI), pela Universidade Aberta e pela Câmara Municipal do Sabugal, nos dias 8 e 9 junho de 2018, acolheu, na Covilhã e no Sabugal, dezenas de participantes, universitários e não universitários, que ali, na sua presença, foram *celebrar o saber amigo*. Jesué Pinharanda Gomes, através da sua vida dedicada e da sua obra vasta, fez história e, mediante a sua disponibilidade para integrar a *congregatio magistrorum et scholarium* da Universidade da Beira Interior, quis ajudar positivamente no sentido de uma inflexão na história recente da cultura portuguesa. Afirmou-se assim a liberdade do pensar humano capaz de desafiar as aporias e de ultrapassar as fronteiras – mesmo que seja de noite, a salto, na raia.

Deste modo, o saber de um homem bom e hospitaleiro tornou-se também um saber que encontrou hospitalidade na Beira que o viu nascer e de onde teve de partir aos 20 anos. Morreu no dia 27 de julho de 2019, em Lisboa. O seu corpo regressou ao torrão beirão e descansa agora em Quadrazais. *Tibi silentium laus*. Mas o seu coração e o seu espírito continuam vivos nos seus textos e na memória dos seus amigos. Assim se cumpre a física do Estagirita e de Santo Agostinho que de muitos modos glosou<sup>12</sup>: *todos os corpos, com o seu peso, tendem para o seu lugar natural*. Mas há um peso, como assinala o bispo de Hipona, que *puxa para cima* porque “o meu peso é o meu amor; por ele sou levado para onde quer que vá. Somos acendidos pelo teu dom e somos levados para o alto; come-

---

12 Cf. Pinharanda Gomes *et al.*, *Santo Agostinho na Cultura Portuguesa*, Lisboa, Fundação Lusíada, 2000, em concreto o profundo e sugestivo “Escólio bibliográfico-augustiniano” (pp. 83-105).

çamos a arder e vamos. Ascendemos as ascensões no coração e cantamos o *cântico das subidas*”<sup>13</sup>.

O legado intelectual e o exemplo de mestre que Pinharanda Gomes representou para os que o conheceram e do seu saber beneficiaram contribuíram para que o diálogo e o respeito pelas diferenças de pensamento ascendessem a um novo patamar na história da cultura em Portugal. “Nem só de pão vive o Homem”<sup>14</sup>. Pinharanda Gomes ascendeu a pódios nunca antes imaginados nem talvez desejados por si, pelos correligionários da sua esfera ideológica e, ainda menos, pelos dos círculos que não lhe eram afetos. Não assim o seu conterrâneo Eduardo Lourenço que, em 2017, quando soube da iniciativa da FAL-UBI de lhe outorgar o Doutoramento *Honoris Causa*, no táxi que nos levava entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a sua casa, ali próxima, nos confessou: “Ele merece-o. Entre os autores da Filosofia Portuguesa, só ele nunca me hostilizou”. Esta conquista de quebrar muros até então quase intransponíveis basta como testemunho eloquente do valor maior da herança deixada por Pinharanda Gomes<sup>15</sup>.

---

13 Agostinho de Hipona, *Confissões*, XIII, 11, 10.

14 Cf. Pinharanda Gomes, “Teoria do pão e da palavra”, in Gomes, Pinharanda, *Entre Filosofia e Teologia*, Lisboa, Fundação Lusitana, 1992, pp. 13-28.

15 Este artigo retoma e desenvolve reflexão já escrita e publicada noutros lugares no âmbito de iniciativas de homenagem a Pinharanda Gomes realizadas no contexto do seu falecimento.

## BIBLIOGRAFIA

- CLEMENTE, Manuel, “*Laudatio*. Doutoramento *Honoris Causa* de Jesué Pinharanda Gomes na Universidade da Beira Interior”, in Franco, José Eduardo e Rosa, José Maria Silva (coord.), *Jesué Pinharanda Gomes. Pensar Português. Texto Inédito e Estudos*, Lisboa, Theya Editores, 2019, pp. 27-33.
- GOMES, Pinharanda, *Entre Filosofia e Teologia*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1992.
- GOMES, Pinharanda *et al.*, *Santo Agostinho na Cultura Portuguesa*, Lisboa, Fundação Lusíada, 2000.
- GOMES, Pinharanda, *A Alma Cristã da Europa*, Lisboa, Fundação Lusíada, 2011.
- GOMES, Pinharanda, “Pequena autobiografia. Jesué Pinharanda Gomes: *curriculum vitae*”, in Franco, José Eduardo e Rosa, José Maria Silva (coord.), *Jesué Pinharanda Gomes. Pensar Português. Texto Inédito e Estudos*, Lisboa, Theya Editores, 2019, pp. 21-26.
- PEREIRA, António dos Santos, “Pinharanda Gomes, fronteiro entre o futurismo de Orpheu e o mais fundo pensamento filosófico português”, in Franco, José Eduardo e Rosa, José Maria Silva (coord.), *Jesué Pinharanda Gomes. Pensar Português. Texto Inédito e Estudos*, Lisboa, Theya Editores, 2019, pp. 63-81.
- RIBEIRO, Álvaro, *O Problema da Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1943.